

(RE)VISITAÇÕES EXPERIÊNCIAS, PERCEPÇÕES E OLHARES SOBRE AS ATUAÇÕES DA FEDERAÇÃO DE TEATRO DO ACRE – FETAC

Maiara Pinho de Oliveira¹

*Eu sou tu, filho do outro
[...] das raízes das árvores mais velhas
que inventaram o tempo
e que ensinam
através de suas raízes
as sementes a brotar.*

Espectáculo Indocumentados – Grupo Aguadeiro

“Fundada em 7 de maio de 1978” é a frase que compõe o cabeçalho do Estatuto da Federação de Teatro do Acre, a FETAC – ou como em outros documentos oficiais, Federação de Teatro Amador do Acre. “Datas. Mas o que são datas? Datas são pontas de *icebergs*” (BOSI, 1992, p. 19). E o que são *icebergs*? Apesar de nunca ter visto um, sei que é algo como um grande bloco de gelo visto sobre os mares gelados, e sei ainda que a maior parte de seu volume é uma grandíssima base que não conseguimos ver, sobretudo à noite. Me lembro uma vez, andando pela mata da reserva onde fica o Seringal Cachoeira, em Xapuri, quando o Nilson Mendes, nosso guia e amigo, mostra ao nosso grupo a árvore de maior raiz que ele já havia visto. Diferentemente de outros passeios que já tínhamos feito por aquelas bandas, desta vez passeamos não só orientados por Nilson, mas também por aquela raiz. Ela sumia e desaparecia e voltávamos a encontrá-la, e eu pensava: se isto é o que vejo aqui sobre o solo, o que haverá por debaixo? Datas são como as partes das raízes que são possíveis de ver.

Apesar de no ano de 1978 eu ainda não ter nascido, “a força e a resistência dessas combinações de algarismos” (BOSI, 1992, p. 19) chega até a mim a partir das histórias de meus companheiros e companheiras de trabalho e de militâncias nas e por políticas públicas para as artes como se eu tivesse estado lá, naquela reunião no Parque Capitão Ciríaco, a reunião de fundação da FETAC, reunião esta que oficializa, através da entidade, um movimento organizado de artistas que ofereciam resistência à ditadura, aos modelos escravocratas vigentes nas Amazônias e aos genocídios de culturas, povos, línguas e seres que habitam/habitavam as florestas e urbanidades dessa região.

Não é do meu interesse esmiuçar aqui o que está em oculto e que compõe a “força e resistência” da data de fundação da Federação, pois, como disse anteriormente, eu sou apenas uma participante-ouvinte das narrativas que, no presente, me transportam aos “passados”;

¹ Técnica em música, psicóloga clínica e social, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre. É estudante e profissional das artes cênicas fora do meio acadêmico, iniciando seu percurso aos 18 anos com uma imersão na palhaçaria com Pepe Nuñez no Espaço Evoé em Lisboa, Portugal. E-mail: maiarapinho.rb@gmail.com. Rio Branco, Acre.

caso leitoras e leitores desejem conhecer estes ingredientes da história de fundação da FETAC por seus próprios ouvidos, convido que se reportem às personalidades/artistas/pensadoras/intelectuais/poetas/lideranças de movimentos e palhaços, como João Veras, Lenine Alencar, Jorge Carlos, Dinho Gonçalves, Francis Mary (Bruxinha), Eleonora Farias (Lôra), Silene Farias. Cito essas personalidades acreanas (ou radicadas no Acre) porque são pessoas que possuem experiências pessoais com o fato histórico ou sabem indicar outras contadoras/contadores das histórias, no entanto, o que elas têm e comum e que justifica a minha indicação, é a arte de narrar, é pelo fato de possuírem a “faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1987, p. 196). Há muitos outros nomes que não foram citados, mas que são relevantes para a memória da FETAC, inclusive o nome Abraham Farhat, o Lhé, que esteve antes, durante e depois da data de fundação não só da FETAC, mas também de outras organizações como sindicatos e cooperativas. Lhé faleceu em maio do ano de 2020, e com ele muitas histórias a serem ouvidas/escritas/vividas.

Afora as narrativas pessoais, é possível conhecer os passos da FETAC através de seu acervo histórico que está totalmente revitalizado e apto para consulta, ou que aguardem um pouco até o lançamento da revista/livro a ser lançada pela Federação. Estes são os caminhos que considero como guias ou percursos para o encontro com as narrativas que as raízes do subsolo das datas podem revelar.

Para a ocasião desta escrita, fui convidada a contextualizar, a partir de minhas experiências como integrante de grupo filiado à FETAC – o Grupo Aguadeiro, hoje intitulado AsAguadeiras – como membra titular do Conselho Diretor, como uma vez presidenta, as minhas experiências, percepções e olhares sobre a atuação da Entidade no momento presente, suas lutas e caminhos possíveis. É deste lugar que falo, do lugar de uma filiada que é atravessada, a cada encontro da Federação, por narrativas e memórias e, é a partir deste lugar que tenho interesse em escrever aqui sobre dois aspectos que são históricos e que, a meu ver, compõem ainda a identidade da FETAC, tendo relevância para as suas práticas de militância, resistência, crítica, discussão e construção de saberes em coletivo.

Um dos aspectos históricos que marca o período da data/marco/iceberg/raiz é o das “intensas lutas culturais” (ALBUQUERQUE, 2019, p. 185) da ocasião, principalmente, entre o Estado e os seres e sujeitos deste espaço: de um lado um discurso pacificador, solidário, mas estigmatizante e construtor de estereótipos, e de outro, as narrativas e experiências de sujeitos desterrados ou não, de imagens/paisagens engolidas pelos discursos e ideias de “progresso” e “civilização”; de um lado a construção de uma ideia de urbanidade que possibilitaria a ligação do Norte com o restante do país, ligação esse que é física, como a construção da Rodovia Transamazônica (entre 1969 e 74) ou que é físico-simbólica, como a construção do manicômio intitulado Hospital Distrital (1978), e de outro, os corpos, línguas e culturas esparramadas nas periferias de uma ideia de cidade; de um lado o discurso de contenção de uma ideia de atraso e de primitivismo associada às formas de vida da região, e de outro, narrativas de José Marques de Souza, o Matias, fundador/criador do grupo De Olho na Coisa:

Uma narrativa tal que surpreende seus leitores porque encena a violência física e simbólica que intentava “varrer” as mulheres e homens da floresta do panorama da cidade, mas também encena os afetos, a solidariedade, o vizinhar e os impactantes mecanismos de incorporação/recusa do discurso dos agentes do estado, que procuravam interditar

passagens, reordenando-o em contra-discurso para abrir essas mesmas passagens. (ALBUQUERQUE, 2019, p. 399)

O teatro amador do Acre compunha este “outro lado” de resistência às ditaduras da época, e é em meio a esse jogo de forças (desiguais, obviamente), que nasce a FETAC, jogo este que compõe a sua identidade até o momento atual, pois as lutas culturais ainda são presentes, no entanto comportando novas alegorias, com formatos mais “modernos” de tentativas de institucionalização das expressões, das existências e performances sociais, culturais e artísticas. Uma imposição de discursos sobre nós, sujeitos, objetos, línguas, culinárias, corpos, seres, florestas, cidades, climas, fronteiras, países vizinhos (Peru e Bolívia), mas não tão vizinhos assim, de que devemos incorporar suas delimitações, de que devemos nos disciplinar a elas e dizer sobre nós mesmos/mesmas a partir delas, e assim dizer o que é teatro.

O que é teatro ainda é um assunto discutido, o que é o teatro acreano também, mas há nisso uma tentativa constante de se afirmar que é possível sabê-lo, encerrando-o em uma designação única, o que nos exige uma luta constante contra a estruturação e subjetivação das lógicas da higienização, hegemonização e universalização eurocêntrica que deseja tutelar/designar quem são os sujeitos e o que são as coisas e os fazeres. O que seria um teatro tipicamente acreano que os editais, os congressos e os festivais desejam mostrar? Na concepção de um “teatro acreano” que se tem por desejo institucional criar, é do Teatro Ritualístico, do Teatro do Oprimido, do Teatro do Absurdo que podemos falar? É do Teatro de Rua, do Teatro de Floresta? De todos, de nenhum? Eis a imposição da necessidade de que haja um teatro, uma história sobre o teatro e seus fazedores (no masculino propositalmente), de maneira que aquele agrupamento seja melhor inteligível para o pensamento colonizador (CASTRO, 2014) dos centros, sustentado nas estereotípias, na catalogação, no ver e reconhecer de imediato e no provocar que sejamos sempre reconhecidos de imediato, em uma fácil explicação (NENEVÉ; SAMPAIO, 2015).

A escritora e pensadora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie em sua palestra mundialmente conhecida e reconhecida intitulada “O perigo da história única”, discute, a partir de suas experiências como sujeito sócio-histórico-cultural, os inúmeros perigos da imposição de uma só história sobre os sujeitos, o que atravessa as identidades grupais e individuais e vai incidir sobre as subjetividades. A imposição de uma verdade externa sobre as criações e performatividades “dificulta o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada”², pois que dispensa as narrativas das outras histórias, dos viveres e das experiências. Neste sentido, “é preciso reivindicar a experiência, dar-lhe certa dignidade, certa legitimidade. Porque, como vocês sabem, a experiência foi menosprezada tanto pela racionalidade clássica quanto pela racionalidade moderna, tanto na filosofia quanto na ciência” (LARROSA, 2019, p. 38). A supremacia de um dizer sobre nós que satisfaça os modelos institucionais menospreza as experiências, o que também pode cair cada vez mais em menosprezo pelo chamado “teatro acreano”, importando, acima de tudo, o quanto é possível traduzir o seu fazer pelos dizeres da racionalidade moderna.

Os encontros da FETAC são encontros com as experiências, são encontros entre gerações com suas vivências, seus campos de trabalhos, suas linguagens, suas histórias e culturas. Nos encontramos em virtude da agenda estipulada por nosso Estatuto como assembleias, congressos, reuniões ordinárias e extraordinárias do coletivo que compõe o Conselho Diretor, nos teatros, nos festivais e nos laços de amizade. Nas ocasiões de nossa agenda institucional, de-

2 Disponível em http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=p

liberamos, através de discussões e pelo voto, sobre projetos, ações e manifestações, sendo que cada pessoa (representante de seu grupo) se coloca a partir de seu lugar de enunciação, sendo que esse lugar aparece situado na fala, nas proposições e nas opiniões.

Apesar de cumprirmos com alguns rituais institucionais formais, orientados pelo Estatuto e Regimento Interno, os nossos encontros não são harmônicos, saborosos, puros, limpos como os uniformes das escolas religiosas e militares. Muitas, ou na maior parte das vezes, são encontros dissonantes e sujos, justamente porque somos/estamos atravessados pelas questões sociais estruturalizantes, porque somos heterogêneos, porque não fazemos parte dos mesmos bairros, porque somos de raças, classes e gêneros distintos ou, por vezes, porque temos por base referenciais teóricos também muito diversos. É dentro desse universo pluridiverso que trocamos histórias, práticas, comportamentos e posições de sabores acres, tal qual nossas histórias como estado, como região.

A história acre seria justamente aquela que fala e expõe tudo aquilo que na vida se assemelha à morte: a doença, a dor, a solidão, a infelicidade, o ódio, o medo, a exploração, a miséria, a subserviência, a impotência, o desamparo, a injustiça, o desarraigo, a tristeza, a arrogância, a prepotência, o ressentimento, a cobiça, a inveja, a maldade, a vilania e tantas outras formas com que a cara da morte se nos apresenta. A história acre embora amarga não é aquela que busca fazer chorar, mas aquela que busca contorcer, distorcer e torcer os sentidos e os significados hegemônicos para a vida e para a morte. (ALBUQUERQUE JR, 2014, p. 130)

É o que fazemos, muitas vezes nos contorcemos com os “significados hegemônicos” em cada uma/um de nós, mas que, no entanto, diante das contingências políticas, econômicas e sociais, acabamos por nos reunir como pares, tal como no dia 7 de maio de 78, para resistir às opressões e aos imperativos de destruição das políticas públicas que construímos, ou para a construção de novas políticas que sejam consentâneas às necessidades consideradas “gerais” e também as específicas.

O outro aspecto histórico que a Federação ainda traz consigo é de ser concebida por grupos, aliás, por pessoas que formam grupos, coletivos, companhias, tropas, aglomerados, dentre outras formas de junções de pessoas, mas que hoje precisam ser evitadas ou acauteladas em virtude da pandemia do COVID-19. Sempre fiz parte de grupos de teatro, mas recordo que isso não necessariamente me fez entender a ideia de “teatro de grupo”. Não sei se há um conceito fixo para isso – o que não seria bom, pois seria mais uma forma universal de designar coisas e pessoas – mas entendo, em minha experiência com a FETAC, que quando me afilio à ela a partir de um grupo, luto pela sua existência e ela pela minha, e cada grupo luta também pela Entidade e ainda, se a FETAC são os grupos, os grupos são os que lutam pelo meu grupo, e eu por eles, e eles por mim, e eu por eles, e eles por mim...e isso não para de acontecer: um movimento contínuo de luta para a existência de 10 grupos, o que significa mais de 30 pessoas que não param de se relacionar, e se parar, é porque não haverá mais Federação e *ojalá* que isso nunca aconteça.

As pessoas que compõem um determinado coletivo, com um determinado nome, transitam em outros coletivos, com outros nomes, sejam eles filiados ou não à Federação. Em geral, as pessoas fazem “de um tudo”: escrevem projetos, dirigem, pensam e executam projetos de iluminação, concebem cenário, figurino e maquiagem, colocam o nariz, fazem a máscara, manipulam bonecos, dançam quadrilha, pintam, bordam, cuidam das crianças dentro e fora do teatro e prestam contas, tanto a si mesmos em seus ócios, como ao estado e à prefeitura. Às ve-

zes dá ruim, mas a maior parte das vezes dá “mais ou menos mais pra bom”, pois nunca estamos satisfeitas, como sugeriu certo presidente em certa ocasião, mal sabendo que na tentativa de nos estigmatizar disse uma possível verdade. Nós nunca estamos satisfeitas, nós nunca estamos satisfeitos!

A FETAC, AS MEMÓRIAS E OS AFETOS

A composição do que compreendo hoje como teatro de grupo, perpassa a minha própria história de vida dentro do teatro aqui no Acre, como se eu, desde quando estava na barriga de Normélia Pinho, já fizesse parte desse grande coletivo de grupos que compuseram ou que compõem a Federação de Teatro do Acre. O fato de hoje colegas de teatro se recordarem de mim ainda como embrião, organiza o campo das minhas representações sobre o fazer teatral, me oferece estímulos para acesso às memórias sensitivo-sensoriais que, de uma maneira ou de outra, me ligam à FETAC.

Assim como eu, tantas outras filiadas e filiados têm a sua história de vida atravessada pela FETAC, e todas essas narrativas fazem parte do cenário que a compõe, que é um cenário coletivo, de interlocuções entre memórias, afetos, histórias, nascimentos e mortes. É a partir dessas partilhas que conseguimos alcançar nossas necessidades e desejos como sujeitos e como coletividade, como teatro de grupo.

Em todas as lembranças/imagens da mais tenra infância, há uma imagem que é comum entre todas, o agrupamento de pessoas e as suas emoções. Lembro de poucas coisas de pequena, mas basta que me conte uma história que sou diretamente transportada para lá, parecendo que o que faltava era apenas um empurrãozinho. Algo em mim lembra até do cheiro do Teatro de Arena do SESC, que cheirava a cigarro, madeira, água, suor, pano sujo, usado ou guardado. Essa memória do cheiro me veio quando minha mãe uma vez me contou que teve que parar de me levar em uma peça de teatro em que meu pai atuava, pois em um momento dramático havia um *blackout* e nessa suspensão eu dizia, “agora meu pai vai entrar nu”, e estragava toda a dramaturgia. E ali estavam as pessoas e enquanto eu escrevo, as vejo, não sei quem são, mas as reconheço mesmo assim.

Depois, estas mesmas pessoas estavam em nossa casa, e estávamos na casa delas e por aí vai. Quando voltei para Rio Branco, depois de oito anos em andanças, fui direto fazer parte de uma peça chamada *Comédia Del’Acre* de Cláudia Toledo e Lenine Alencar. Sequer me lembro como isso se deu exatamente, mas de repente eu estava lá, no Teatro de Arena do SESC (de cadeiras azuis de plástico e não mais de tábuas e ripas), revendo e encenando com pessoas de minha infância, ou de antes disso. E lá estava eu no meio de um grupo enorme de pessoas de todas as idades. Não sei quanto tempo passou, pois estava revivendo cenas da infância, desta vez de dentro do palco e usando enchimento nos seios para a personagem. Há fotos para provar.

E mais uma vez, as lembranças que conjugam meu entendimento de teatro de grupo...

Quando meu grupo de teatro se filia à FETAC e passo a fazer parte das reuniões do Conselho Diretor que aconteciam dentro do departamento de artes do SESC Centro, algo mais uma vez rompe com as fronteiras temporais; desta vez são as vozes, as defesas, os ataques, o desconstruir, o construir, o voltar, o ir. Eu lembrava disso, eu já tinha visto-vivido. Sim, estou nas profundezas das raízes externas que marcam as datas.

Apesar de meu encontro com a FETAC, a partir de meus próprios passos enquanto artista, ter se dado somente quando eu já tinha 30 anos, a Entidade e as agregadas e agregados que a compõem já estavam lá, desde o meu início. Acho até que posso inventar em minhas lembranças inúmeras vezes alguém dizendo para a minha mãe, “vai ser artista”, o que obviamente reverberou em mim. O calendário de atividades da Federação é anual, com festivais e eventos grandes, médios e pequenos, o que, através disso, traduzo como uma outra invenção em minha cabeça, “continue a ser artista”, o que ressoa em meu corpo, em meu sono, no estado de vigília, e no meu bolso, na potência que eu sempre preciso reconstruir para continuar escolhendo o teatro como ponto central em minha vida.

Às vezes penso que algumas de minhas experiências eu poderia trocar com pessoas como Sacha Alencar, Caetano Lima, Benjamin Jaya, Kayk Amorim, Daniel Alves, Rogerinho (o palhaço Microbinho), Kaê, Ágatha Lim³, Yuri Montezuma (com certeza muitas pessoas estão ficando de fora), que assim como eu, nasceram/cresceram respirando os cheiros do teatro – eu disse do teatro e não da FETAC. Experiências que não têm o porquê de não comporem as inúmeras histórias dos teatros acreanos. Isso me fez lembrar do espetáculo *As confiadas* de Marília Bonfim, em que as experiências/memórias da mãe da autora viraram teatro, mas que antes desta inscrição dramaturgica, já eram história. A encenação dessas memórias, portanto, é uma outra “relação do historiador” – da historiadora Marília, que é como também a vejo – “com um vivido, quer dizer, a possibilidade de fazer reviver ou de ‘ressuscitar’ um passado” (CERTEAU, 2017, p. 27), que é construído a partir do relato em teatro técnico, estético e sensorial.

São estes caminhos do voltar que lançam a FETAC ao ir; os caminhos, os atropelos, os encontros e desencontros entre memórias, entre histórias, entre experiências, mas sempre em lugares diferentes, resistindo sempre aos paradigmas e enunciados externos que desejam restringir à FETAC o emblema de representante de grupos, como se a Entidade não fosse uma criação nossa a partir de nossas necessidades, como se ela apenas nos institucionalizasse, excluindo toda essa construção baseada nos afetos e vivências, como se fôssemos algo homogêneo e decifrável, como se minhas experiências e as de minhas e meus colegas pudessem entrar nesta lógica de racionalização.

PANDEMIA E PANDEMÔNIO: AS LUTAS DO HOJE E OS CAMINHOS POSSÍVEIS

Em uma tentativa de juntar alguns pontos desta escrita/retrato, posso dizer que não compreendo a FETAC como representante de um teatro, de uma lógica única de acesso às políticas públicas, de um modelo único de resistência política e social a ser seguida, pois ela também tem as suas burocracias e, por isso, está sob a tábua de sua institucionalização, não como algo que pode negatar as suas ações, mas como um fato, o que também, obviamente, lhe dá forças para o combate, pois são as experiências como instituição adquiridas ao longo de 42 anos, através de movimentos de avançar e recuar, do voltar e do ir, que essa Entidade, que somos nós, mantém a sua força e participação política e social.

Posso arriscar dizer na terceira pessoa do plural que possuímos um lar, uma casa, uma barriga para onde voltar e nos sentirmos seguras e seguros mesmo dentro de toda incerteza, tal

³ Entrei em contato com Ágatha Lim (e com as demais pessoas) para saber o que ela achava de estar citada neste texto e para isso enviei a segunda parte para ela situar a própria presença. Ela me respondeu com um áudio dizendo, “maninha, eu lembro como foi que tu entrou pra Comédia Del’Acre. Simplesmente tu foi assistir...quando acabou a peça, a gente saiu assim de dentro do teatro e tu falou: ei, eu quero participar dessa peça! (risos) E assim foi.” E assim foi...e agora lá estou eu naquele lugar do tempo, lembrando dos cheiros e das emoções.

como aconteceu na data/ponta-de-raiz da fundação da FETAC, data esta que traduzo como um grupo de troca de afetos em meio às opressões e contínuos ataques à dignidade, à liberdade e à democracia que a ditadura impôs, em meio às mortes e assassinatos que já eram seculares, que haviam começado em 1492 – data/ponta-de-iceberg, que marca a chegada de exércitos de genocidas nas Américas – e ainda assim, mesmo estando ainda sob os mesmos ataques que se encontram com os traumas históricos, temos uma barrigona onde nos sentimos seguras/seguros.

Como, em grupo, em coletivo e nesta barrigona, lutando com e contra nossas próprias diferenças, fazemos frente ao pandemônio, fim-do-mundo, genocídio, apocalipse de hoje e que é espelho de uma data, a de 1492? Nós fazemos teatro. Uma vez, quando eu estava junto com a Caravana Mundo Palco no Espaço Cultural CITA – Cantinho de Integração de Todas as Artes, em São Paulo, um dos integrantes deste grupo, em uma discussão, disse: “se tudo der errado, a gente faz teatro”. Com o pandemônio secular e “moderno”, fazemos teatro, e com a pandemia também.

A FETAC executou, em outubro deste ano, dois eventos integrados: a Semana do Teatro, que anualmente tem o propósito de comemorar o dia mundial do teatro, promovendo sempre uma semana de espetáculos gratuitos em diversas localidades da cidade de Rio Branco; e a I Semana Municipal do Teatro. Tivemos uma semana de festival que contou com 18 apresentações teatrais dos 10 grupos filiados, uma palestra e duas oficinas. Parte dos eventos aconteceu na modalidade virtual e as apresentações foram destinadas a 30% da capacidade do público total de cada espaço ocupado. Logo nas primeiras reuniões com a equipe de produção, ali estava eu ouvindo aquela voz/imaginação, “continue a ser artista”, e inscrevi meu grupo no festival com a intenção de realizar uma performance, mas ao final, já tínhamos um espetáculo prontinho, saído do forno para ser incrementado, paparicado, partido e repartido. Isso tudo na pandemia de pandemônio e/ou no pandemônio da pandemia. Quando tudo está dando “errado”, nós vamos lá e fazemos teatro. E assim, o meu grupo apresenta, grupo este que é a FETAC, que são os grupos e os demais grupos (que apresentam e que não apresentam) que colaboram com meu grupo, e com os quais colaboramos, ajudando assim, outros grupos não filiados. E, desta forma, seguimos fazendo Teatro de Grupo.

A FETAC e suas membras e membros estão em muitas articulações políticas pelo Brasil, como em articulações em redes de teatro da região Norte, na Rede Brasileira de Teatro de Rua, se fazendo presente também em congressos e festivais em diversas localidades. No entanto, as ações estão mais centradas e voltadas para a construção, execução e/ou fiscalização de políticas em arte para a região Norte. Para ilustrar, lembro de acompanhar as movimentações para a construção e aprovação da Lei Aldir Blanc em 2020. Ali, em grupos de WhatsApp, trocando longos áudios, mensagens encorajadoras, de tristeza, raiva e por vezes desespero, pude acompanhar de perto membras e membros (poucos, é verdade) da FETAC sendo incansáveis, indo até às últimas consequências, com mil afetos e muito, mas muito trabalho; fazendo parte de um grande grupo, que colabora com outros grandes grupos, que acreditam sempre conquistar o mínimo de direitos para as artes, batendo de frente com as instâncias superiores que desejam nos tutelar e dizer quem somos. Aqui eu vou citar uma frase minha deste texto: e ali estavam as pessoas e enquanto eu escrevo, as vejo, não sei quem são, mas as reconheço mesmo assim.

É isso, senhores presidentes (no masculino de propósito), nós nunca ficamos “satisfeitos”, pois nos recusamos a comer as sobras de seus crimes violentos, dos crimes que, a partir

deles, vocês nos categorizam em uma ideia de sujeito que deverá para sempre estar agarrada a vocês (BUTLER, 2019), às suas leis, aos seus ordenamentos, às suas normativas e que, quando saímos dessas lógicas, nos abjetam. Mas nós somos um grande grupo e temos uma barrigona para onde voltar, e lá temos o ócio que necessitamos e temos tantos teatros quanto quisermos inventar.

Estes são os caminhos possíveis, são os caminhos descendentes das consequências de nossos engajamentos do agora como Federação de Teatro do Acre, como grupos, como sujeitos que, mesmo diante de uma tela de computador ou de celular, continuam a se reunir, a discordar e a dizer que estão com saudade.

E, finalmente, sobre a data/marco/iceberg/raiz, a Lei no 2.347 de 11 de dezembro de 2019 institui o dia 7 de maio como o Dia do Teatro no Município de Rio Branco. Em virtude da relevância da atuação da FETAC no estado, mas principalmente no município de Rio Branco, temos esse casamento entre datas. O que pode significar ter a comemoração do Dia Municipal do Teatro no mesmo dia de fundação da Entidade, saberemos à medida que os anos passarem, à medida que as narrativas forem dando vida aos autos institucionais, que podem parecer só números, mas também são instrumentos de “oficialização”. Apesar de os autos oficiais operarem pelas e nas lógicas de poder, entendemos que esse poder tem que ser operado por nós, proletariado da arte, atravessadores de afeto, defensores do ócio, defensores de trabalhos dignos no ramo e sempre, sempre amadores profissionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O Perigo da História Única. Vídeo da palestra da escritora nigeriana no evento Technology, Entertainment and Design (TED Global 2009). Disponível em: <http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=p>. Acesso em: 9 nov. 2020.
- ALBUQUERQUE, Gerson. **Uma certa cidade na Amazônia acreana**. 2019. Tese (Progressão Funcional ao Cargo de Professor Titular). UFAC, Rio Branco, 2019.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras / Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 17ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- CASTRO, Carlos Potiara. Seria a Amazônia uma colônia do Brasil? Ocidente interior, duplo vínculo e governança autônoma. In: **Crítica e Sociedade: Revista de cultura política**, Uberlândia, v. 4, n. 2, p. 168-192, 2014.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; Revisão técnica de Arno Vogel. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2017.
- LARROSA, Jorge. **Escritos sobre experiência**. Tradução de Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia M. Gomes. Re-imaginar a Amazônia, descolonizar a escrita sobre a região. In: ALBUQUERQUE, Gerson; NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia. **Literaturas e Amazônia: colonização e descolonização**. Rio Branco: Nepan, 2015.

Recebido em: 15/11/2020
Aprovado em: 06/04/2021